

Vencedor do Man Booker Prize 2009

# WOLF

Um romance da era Tudor

# HALL

Hilary Mantel

*Autora de A sombra da guilhotina*

“Sua escrita brilhante  
e sombria nos leva  
ao passado.”

**THE TIMES**



Vencedor do Man Booker Prize 2009

# WOLF

Um romance da era Tudor

# HALL

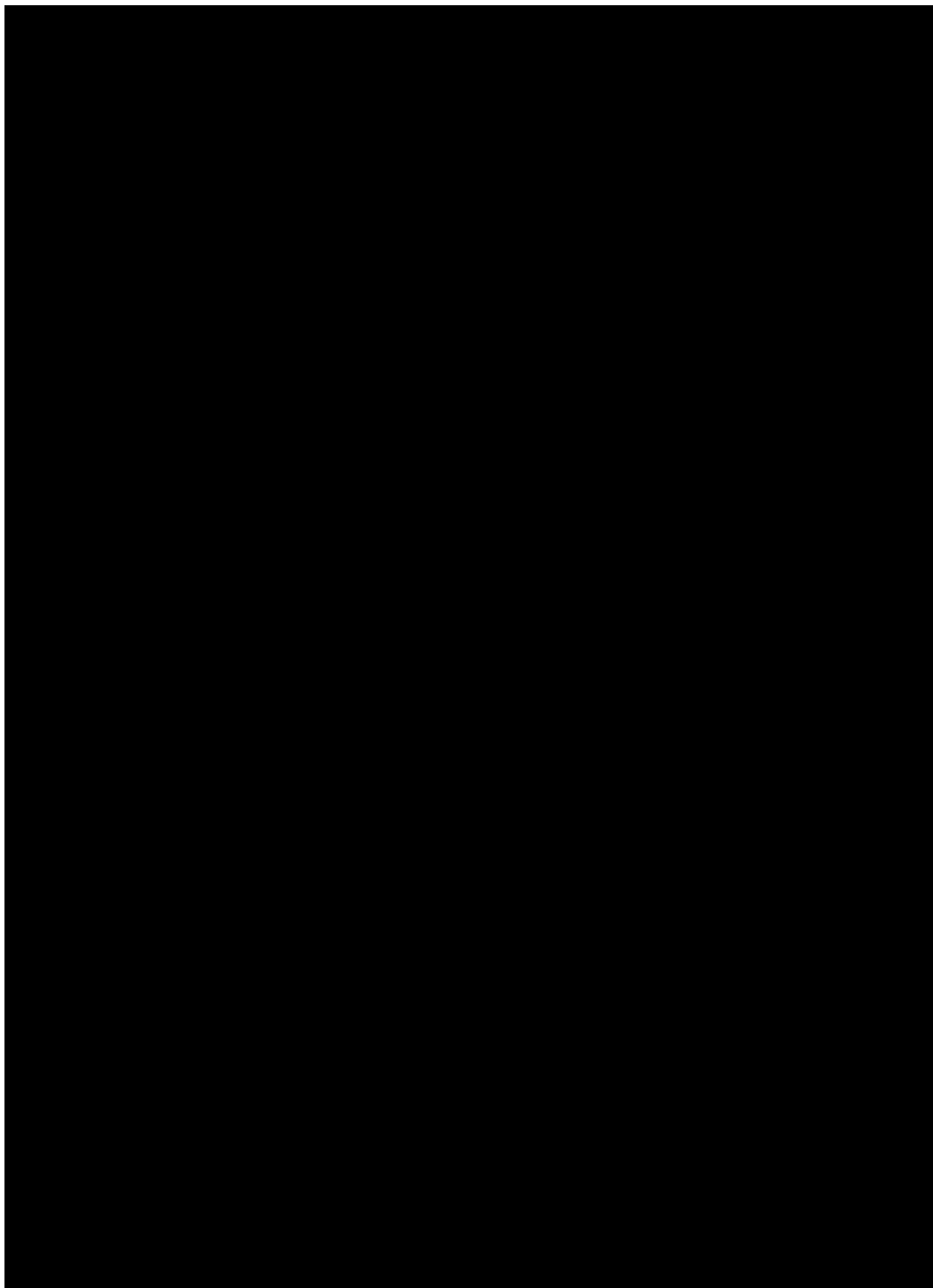
Hilary Mantel

Autora de *A sombra da guilhotina*

“Sua escrita brilhante  
e sombria nos leva  
ao passado.”

THE TIMES





**Hilary Mantel**

**WOLF  
HALL**

*Tradução de*  
Heloisa Mourão



**EDITORA RECORD**  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2011



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

Mantel, Hilary, 1952-

M25w Wolf Hall [recurso eletrônico] / Hilary Mantel; tradução de Heloisa Mourão. – Rio de Janeiro: Record, 2011.

Recurso Digital

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-09768-2 [recurso eletrônico]

1. Romance inglês. 2. Livros eletrônicos. I. Mourão, Heloisa Cardoso. II. Título.

11-  
6399

CDD: 823  
CDU: 821.111-3

TÍTULO ORIGINAL EM INGLÊS:

Wolf Hall

Copyright © Hilary Mantel, 2009

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Editoração eletrônica da versão impressa: Abreu's System

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil adquiridos pela  
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000

---

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-09768-2



Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

[mdireto@record.com.br](mailto:mdireto@record.com.br) ou (21) 2585-2002.

*Seja este dedicado a minha amiga ímpar,  
Mary Robertson.*

# SUMÁRIO

Lista de personagens

Árvores genealógicas

## PRIMEIRA PARTE

I Cruzando o Mar Estreito. *Putney, 1500*

II Paternidade, *1527*

III Em Austin Friars, *1527*

## SEGUNDA PARTE

I Visitação, *1529*

II Uma história oculta da Bretanha, *1521-1529*

III Tudo ou nada. *Dia de Todos os Santos, 1529*

## TERCEIRA PARTE

I O truque das três cartas. *Inverno de 1529 — Primavera de 1530*

II Meu muito estimado Cromwell. *Primavera — Dezembro de 1530*

III Os mortos se queixam de seu enterro. *Natal de 1530*

## QUARTA PARTE

I Componha seu rosto, *1531*

II “Ai de mim, que hei de fazer por amor?”. *Primavera de 1532*

III Missa da Manhã. *Novembro de 1532*

## QUINTA PARTE

I Anna Regina, *1533*

II A saliva do demônio. *Outono e inverno, 1533*

III O olhar de um pintor, *1534*

## PARTE SEIS

I Supremacia, *1534*

II O mapa da cristandade, *1534-1535*

III Rumo a Wolf Hall. *Julho de 1535*

Nota da autora

Agradecimentos

## LISTA DE PERSONAGENS

### **Em Putney, 1500**

Walter Cromwell, ferreiro e cervejeiro

Thomas, filho.

Bet, filha.

Kat, filha.

Morgan Williams, esposo de Kat.

### **Em Austin Friars, de 1527 em diante**

Thomas Cromwell, advogado

Liz Wykys, sua esposa.

Gregory, filho.

Anne, filha.

Grace, filha.

Henry Wykys, pai de Liz, comerciante de lã.

Mercy, esposa de Wykys.

Johane Williamson, irmã de Liz.

John Williamson, esposo de Johane.

Johane (Jo), sua filha.

Alice Wellyfed, sobrinha de Thomas Cromwell, filha de Bet Cromwell.

Richard Williams, mais tarde Richard Cromwell, filho de Kat e Morgan.

Rafe Sadler, principal funcionário de Cromwell, criado em Austin Friars.

Thomas Avery, o contador doméstico.

Helen Barre, uma mulher pobre acolhida pela casa.

Thurston, o cozinheiro.

Christophe, criado.

Dick Purser, tratador dos cães de guarda.

### **Em Westminster**

Thomas Wolsey, Arcebispo de York, cardeal, legado papal, Lorde Chanceler: patrão de Thomas Cromwell.

George Cavendish, principal intendente de Wolsey e, mais tarde, biógrafo.

Stephen Gardiner, professor de Trinity Hall, secretário do cardeal, mais tarde, Secretário-Geral de Henrique VIII: inimigo mais ferrenho de Thomas Cromwell.

Thomas Wriothesley, Guarda-Selo, diplomata, protegido de Cromwell e Gardiner.

Richard Riche, advogado, mais tarde procurador-geral.

Thomas Audley, advogado, presidente da Câmara dos Comuns, lorde chanceler após a renúncia de Thomas More.

### **Em Chelsea**

Thomas More, advogado e acadêmico, lorde chanceler após a queda de Wolsey.

Alice, sua esposa.

Sir John More, seu idoso pai.

Margaret Roper (Meg), a filha mais velha, casada com Will Roper.

Anne Cresare, nora.

Henry Pattinson, criado.

### **Londres**

Humphrey Monmouth, comerciante, preso por abrigar William Tyndale, tradutor da Bíblia para o inglês.

John Petyt, comerciante, preso por suspeita de heresia.

Lucy, sua esposa.

John Parnell, comerciante, envolto em prolongada disputa legal com Thomas More.

O Pequeno Bilney, professor queimado por heresia.

John Frith, professor queimado por heresia.

Antonio Bonvisi, comerciante de Lucca.

Stephen Vaughan, comerciante da Antuérpia, amigo de Cromwell.

### **Na corte**

Henrique VIII.

Catarina de Aragão, sua primeira esposa, mais tarde conhecida como a Princesa Viúva de Gales.

Maria, filha do casal.

Ana Bolena, segunda esposa de Henrique.

Maria, irmã de Ana, viúva de William Carey e ex-amante de Henrique.

Thomas Bolena, pai de Ana e Maria, mais tarde conde de Wiltshire e Lorde do Selo Privado: gosta de ser chamado de “Monsenhor”.

George, irmão de Anne e Mary, mais tarde lorde Rochford.  
Jane Rochford, esposa de George.  
Thomas Howard, duque de Norfolk, tio de Anne.  
Mary Howard, sua filha.  
Mary Shelton, dama de companhia.  
Jane Seymour, dama de companhia.  
Charles Brandon, duque de Suffolk, velho amigo de Henrique,  
casado com Mary, irmã do rei.  
Henry Norris, Francis Bryan, Francis Weston, William  
Brereton, Nicholas Carew, cortesãos a serviço do rei.  
Mark Smeaton, músico.  
Henry Wyatt, cortesão.  
Thomas Wyatt, seu filho.  
Henry Fitzroy, duque de Richmond, filho ilegítimo do rei.  
Henry Percy, conde de Northumberland.

### **O clero**

William Warham, o idoso arcebispo da Cantuária.  
Cardeal Campeggio, enviado papal.  
John Fisher, bispo de Rochester, assessor legal de Catarina  
de Aragão.  
Thomas Cranmer, professor de Cambridge, reformista,  
arcebispo da Cantuária, sucessor de Warham.  
Hugh Latimer, padre reformista, mais tarde bispo de  
Worcester.  
Rowland Lee, amigo de Cromwell, mais tarde bispo de  
Coventry e Lichfield.

### **Em Calais**

Lorde Berners, governador, professor e tradutor.  
Lorde Lisle, o governador seguinte.  
Honor, sua esposa.  
William Stafford, adido da guarnição.

### **Em Hatfield**

Lady Brian, mãe de Francis, encarregada da princesa infante  
Elizabeth.  
Lady Anne Shelton, tia de Ana Bolena, encarregada da antiga  
princesa, Maria.

### **Os embaixadores**

Eustache Chapuys, diplomata de Saboia, embaixador do Imperador Carlos V em Londres.

Jean de Dinteville, embaixador de Francisco I.

### **Os pretendentes yorkistas ao trono**

Henry Courtenay, marquês de Exeter, descendente de uma filha de Eduardo IV.

Gertrude, sua esposa.

Margaret Pole, condessa de Salisbury, sobrinha de Eduardo IV.

Lorde Montague, seu filho.

Geoffrey Pole, filho.

Reginald Pole, filho.

### **A família Seymour, de Wolf Hall**

O velho Sir John, que tem um caso com a esposa de seu filho mais velho, Edward.

Edward Seymour, seu filho.

Thomas Seymour, filho.

Jane, sua filha; na corte.

Lizzie, sua filha, casada com o governador de Jersey.

William Butts, médico.

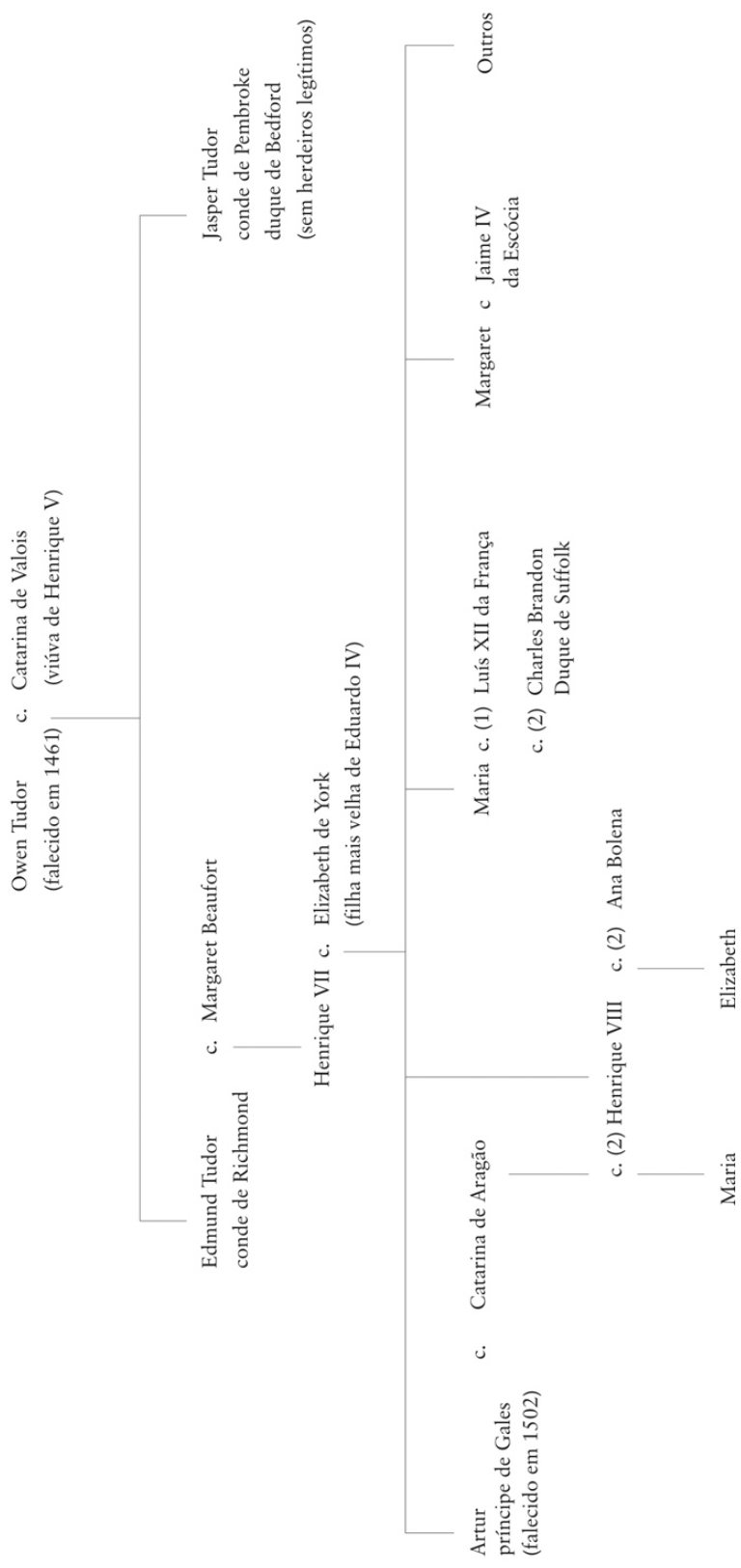
Nikolaus Kratzer, astrônomo.

Hans Holbein, artista.

Sexton, bufão de Wolsey.

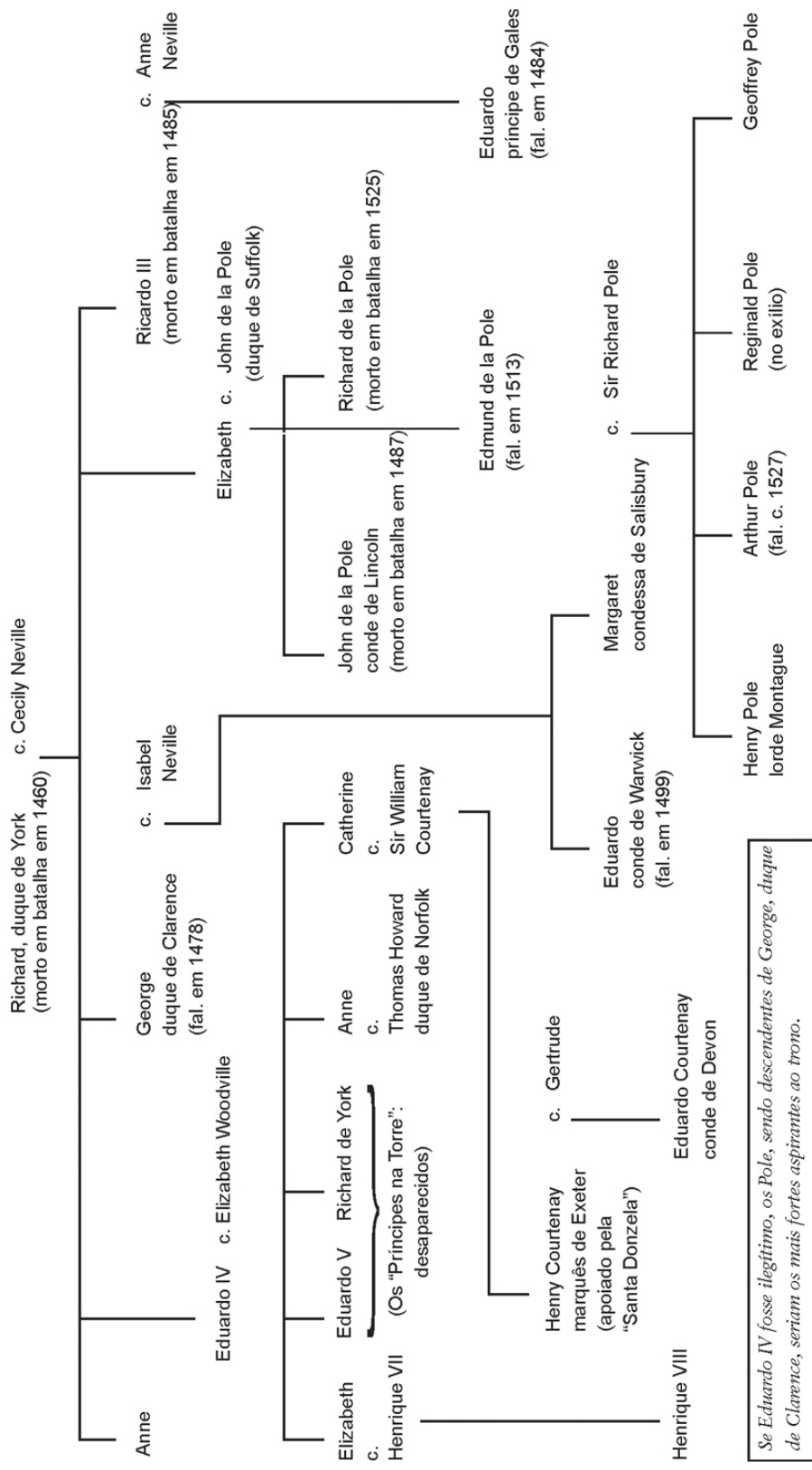
Elizabeth Barton, profetisa.

# Os Tudor





## Os pretendentes da Casa de York





“Três são as espécies de cenas: uma se chama trágica, a segunda, cômica, e a terceira, satírica. Seus cenários são diferentes e diversos entre si em esquema. Cenas trágicas se dispõem com colunas, frontispícios, estátuas e outros artefatos régios; cenas cômicas se apresentam em ambientes privados, com sacadas e vistas para diversas janelas, à maneira das habitações populares; cenas satíricas são decoradas com bosques, grutas, montanhas e outras locações campestres ao estilo de paisagem.”

VITRÚVIO, *De Architectura*, sobre o teatro, 27 a.C.



Estes, os nomes dos personagens:

Felicidade	O Conluio Mascarado
Liberdade	O Abuso Fidalgo
Comedimento	Loucura
Magnificência	Adversidade
Gosto	Pobreza
O Falso Semblante	Desespero
A Engenhosa Partilha	Ardil
A Boa Esperança	
Reparação	
Circunspeção	
Perseverança	

*Magnificência: um Interlúdio,*  
JOHN SKELTON, 1520.

# PRIMEIRA PARTE

# I Cruzando o Mar Estreito

## *Putney, 1500*

— Agora levante-se daí.

Rendido, zozzo, ele jaz em silêncio; estatelado nas pedras do pátio. Girando a cabeça para o lado, seus olhos buscam o portão, como se alguém fosse chegar para ajudá-lo. Bastaria um só golpe, bem dado, para matá-lo.

O sangue do corte na cabeça — resultado do primeiro ataque de seu pai — escorre pelo rosto. Para piorar, está cego do olho esquerdo; mas, se forçar a vista, consegue ver as costuras desfeitas da bota do pai com o canto do olho direito. A grossa linha se desprende totalmente do couro e um nó duro atingiu sua sobrançelha, abrindo mais um corte.

— Agora levante-se daí! — Walter urra para o filho no chão, escolhendo onde chutá-lo da próxima vez. O rapaz ergue a cabeça 4 ou 5 centímetros do chão e rasteja para a frente, tentando avançar sem deixar expostas as mãos, pois Walter gosta de pisoteá-las. — O que é isso, uma enguia, é o que você é? — pergunta o pai, que recua, toma impulso e acerta mais um chute.

Ele sente seu último fôlego ser arrancado; pensa ser este, talvez, seu último suspiro. A testa volta para o chão; ele espera, deitado, que o pai se lance sobre seu corpo. A cadelinha Bella late, trancada num banheiro. “Vou sentir saudades da minha cadelinha”, pensa o garoto. O pátio cheira a cerveja e a sangue. Alguém grita, lá pelas margens do rio. Não sente dor alguma, ou talvez na verdade tudo esteja doendo, tornando impossível se concentrar em uma dor específica. Mas sente frio, sente-o em um só lugar: somente nos ossos do rosto, que estão colados às pedras.

— Olhe só isso aqui, olhe só! — urra Walter. Ele pula num pé só, como se estivesse dançando. — Veja o que eu fiz. Arrebentei minha bota chutando a sua cara.

Centímetro a centímetro, adiante. Não importa se Walter o chama de enguia ou verme ou cobra. Cabeça baixa, não o provoque. O garoto tem o nariz entupido de sangue e precisa abrir a boca para respirar. A distração momentânea do pai com a bota boa que acaba de perder dá ao menino a chance de vomitar.

— Muito bem — grita Walter. — Pode cuspir à vontade por todo lado. — Pode cuspir no meu pátio limpo. — Vamos, garoto, de pé. Vamos ver se você consegue se levantar. Pelo sangue do maldito Cristo, levante-se daí agora!

O garoto pensa: maldito Cristo? O que ele quer dizer com isso? Ele vira a cabeça de lado, os cabelos chafurdando no próprio vômito; a cadela gane, Walter berra e os sinos badalam do outro lado do rio. Ele tem uma sensação de movimento, como se o chão sujo se convertesse no Tâmis. O solo cede e oscila sob seu corpo; ele exala o ar, a última grande expiração. Desta vez você conseguiu, uma voz diz a Walter. Mas o garoto cerra os ouvidos, ou é Deus quem os cerra. Ele é arrastado pela correnteza, uma grande maré negra.

Já é quase meio-dia quando recobra a consciência, e ele escora-se na parede da entrada da taberna Pégaso, o Cavalito Alado. Sua irmã Kat vem da cozinha com uma bandeja de tortas quentes nas mãos. Quando ela o vê, quase derruba a comida toda. Escancarou a boca em espanto.

— Olhe só para você!

— Kat, não grite, isso dói.

Ela berra para o marido:

— Morgan Williams! — Kat dá meia-volta, os olhos em pânico, o rosto avermelhado pelo calor do forno. — Levem essa bandeja, pelo corpo de Cristo, onde estão todos?

Ele treme da cabeça aos pés, exatamente como Bella tremia quando caiu do barco naquela vez.

Uma menina aparece de súbito.

— O patrão foi para a cidade.

— Eu sei disso, idiota. — Ver o irmão naquele estado apagou a lembrança da mente de Kat. Ela enfia a bandeja nas mãos da menina. — Se deixar isso ao alcance dos gatos, você vai levar tapas na orelha até ver estrelas. — Tendo se livrado da bandeja, ela une as mãos vazias num momento de ardente oração. — Brigando de novo, ou foi seu pai?

Sim, ele indica, sacudindo a cabeça vigorosamente, o que faz caírem coágulos de sangue do nariz; sim, e aponta para si mesmo, como se dissesse: Walter andou por aqui. Kat pede uma bacia, pede

água, pede uma bacia com água, um pano, pede que o diabo se levante agora mesmo e leve embora seu laçao Walter.

— Sente-se, antes que desmaie.

Ele tenta explicar que acabou de se levantar. Estava no pátio. Pode ter acontecido há uma hora, ou mesmo há um dia inteiro, e, pelo que ele sabe, hoje talvez seja amanhã; mas não, pois se tivesse ficado no chão um dia inteiro, certamente Walter teria aparecido para matá-lo por estar no meio do caminho, ou então as feridas teriam coagulado um pouco e ele agora estaria sentindo dor por todo o corpo e quase não conseguiria se mexer; ele sabe, por sua vasta experiência com os punhos e botas de Walter, que o segundo dia pode ser pior que o primeiro.

— Sente-se. Não fale — pede Kat.

Quando chega a bacia, ela se inclina sobre ele e põe mãos à obra, limpando o olho fechado, fazendo pequenos círculos ininterruptos pela linha dos cabelos. Sua respiração é entrecortada e a mão livre repousa sobre o ombro do irmão. Kat pragueja entre dentes, às vezes chora e afaga a nuca do irmão, sussurrando “Calma, quietinho, calma”, como se fosse ele quem estivesse chorando, o que não é o caso. É como se estivesse flutuando e Kat o prendesse à terra; ele gostaria de jogar os braços em torno da irmã, enterrar o rosto em seu avental e ali descansar, ouvindo as batidas do coração dela. Mas não quer sujá-la, espalhar sangue por toda a roupa.

Morgan Williams chega, usando seu elegante casaco de passeio. Ele tem uma aparência galesa e combativa; fica claro que já ouviu o que aconteceu. Vai para junto de Kat, olhos baixos, temporariamente sem palavras, até que diz:

— Está vendo? — Ele fecha a mão e levanta o punho três vezes no ar. — Isso aqui! — exclama. — Isso é o que ele levaria. Walter. Isso é o que ele levaria. De mim.

— Chegue para trás — Kat adverte. — Você não vai querer pedacinhos de Thomas no seu paletó de Londres.

Não mesmo; Morgan recua.

— Eu não me daria ao trabalho, mas olhe para você, rapaz! Numa luta justa, você poderia aleijar aquele animal.

— Nunca é uma luta justa — explica Kat. — Ele chega pelas costas, não é, Thomas? Com algo na mão.

— Desta vez, parece que foi uma garrafa de vidro — diz Morgan Williams. — Foi uma garrafa?

Ele balança a cabeça, negando. O nariz sangra novamente.

— Não faça isso, irmão — diz Kat, com sangue cobrindo sua mão. Ela limpa os coágulos na própria roupa. Que sujeira no avental dela; no fim das contas, ele poderia, sim, ter descansado a cabeça ali.

— Você não chegou a ver, não é? — diz Morgan. — O que exatamente ele usou?

— Mas que grande fiasco você é para a bancada dos magistrados... Essa é a vantagem de um ataque pelas costas! — comenta Kat. — Escute, Morgan, você quer que eu diga como é meu pai? Ele pega qualquer coisa que tenha à mão. E, claro, às vezes é uma garrafa. Eu via quando ele fazia isso com a minha mãe. Até nossa pequena Bet, já vi meu pai acertando a cabeça dela. E quando não o via começar uma agressão, o que é pior, significava que quem estava prestes a ser derrubada era eu.

— Não sei que família é essa em que me meti quando me casei... — pondera Morgan Williams.

O que na verdade é algo que Morgan diz apenas da boca para fora; tem homens que cospem o tempo todo, tem mulheres que vivem com dor de cabeça: Morgan faz essas indagações. O garoto não o escuta. Ele pensa: Se meu pai fazia isso com minha mãe, morta há tanto tempo, quem sabe se não foi ele quem a matou? Não, Walter certamente seria preso por isso; Putney é uma terra sem lei, mas aqui não se escapa incólume de um assassinato. Kat é a mãe que ele tem: é quem chora por ele, quem lhe afaga a nuca.

Ele fecha os olhos, para igualar o olho esquerdo ao direito; e tenta abrir os dois.

— Kat, eu ainda tenho um olho aqui embaixo, não tenho? Porque não vejo nada com ele.

Sim, sim, sim, ela responde, enquanto Morgan Williams continua sua investigação dos fatos; ele conclui que foi usado um objeto duro, moderadamente pesado, cortante, mas talvez não uma garrafa quebrada, senão Thomas teria visto as bordas lascadas antes que

Walter rasgasse sua sobancelha e tentasse cegá-lo. O menino ouviu Morgan elaborando sua teoria e gostaria de explicar sobre a bota, o nó, o nó no fio de cadarço, mas o esforço de mover a boca parece desproporcional à recompensa. No geral, ele concorda com a conclusão de Morgan; ele tenta dar de ombros, mas dói demais, e ele se sente tão esmagado e torcido que teme ter quebrado o pescoço.

— De todo modo — pergunta Kat —, o que você estava fazendo, Tom, para irritá-lo? Geralmente, quando não tem motivo, Walter só começa depois que anoitece.

— Sim — concorda Morgan Williams —, houve um motivo?

— Ontem. Eu estive brigando.

— Você brigou ontem? Em nome de Deus, com quem você andou brigando?

— Não sei.

O nome e o motivo fugiram de sua cabeça; mas é como se, ao sair, tivessem levado consigo uma lasca de osso do crânio. Ele toca o couro cabeludo, cuidadosamente. Garrafa? É possível.

— Ah — diz Kat —, eles vivem brigando. Garotos. Na margem do rio.

— Certo, deixe-me ver se entendi bem — começa Morgan. — O garoto chegou em casa ontem com as roupas rasgadas e os nós dos dedos esfolados e o velho disse: “O que é isso, andou brigando?” Então Walter esperou até o dia seguinte e atacou o garoto com uma garrafa. Em seguida, derrubou-o no pátio, cobriu ele de chutes, espancou o menino com uma tábua de madeira que estava ali perto...

— Ele fez isso?

— Toda a paróquia já sabe! Tinha gente fazendo fila no cais para me contar, eles já gritavam a história para mim antes mesmo que o barco atracasse. “Morgan Williams, escute isso, seu sogro espancou Thomas e o garoto foi rastejando à beira da morte para a casa da irmã, eles chamaram o padre...” Você chamou o padre?

— Ai, essa família Williams! — reclama Kat. — Vocês se acham tão importantes por aqui... As pessoas fazem fila para lhe contar coisas... E por quê? Porque você acredita em qualquer história.

— Mas é verdade! — exclama Morgan. — Tim-tim por tim-tim. Não é? Exceto a história do padre. E que ele ainda não morreu.

— Com esse minucioso estudo da diferença entre um cadáver e meu irmão, sem dúvida você vai acabar na bancada dos magistrados.

— Quando eu for magistrado, vou atirar seu pai nas galés. Multá-lo? Não tem multa que chegue para ele. De que adianta multar uma pessoa que simplesmente vai roubar ou extorquir o mesmo valor de algum inocente que cruzar seu caminho?

O garoto geme: mas tenta fazê-lo sem interromper a conversa.

— Calma, calma... — murmura Kat.

— Eu diria que os magistrados já tiveram o bastante — diz Morgan. — Quando ele não está aguando a cerveja que produz, está criando animais ilegalmente em território público; quando não está explorando áreas públicas, está atacando um juiz de paz; quando não está bêbado, está desmaiado de bêbado; e se ele não for morto antes de seu tempo, não existe justiça neste mundo.

— Já acabou? — pergunta Kat. Ela dá as costas ao marido. — Tom, é melhor você ficar conosco por enquanto. Morgan Williams, o que me diz? Quando ficar bom, ele será útil no trabalho pesado. Tom pode fazer as contas para você, ele sabe somar e... qual era a outra coisa? Ora, vamos, não riam de mim, quanto tempo acham que eu tive para aprender números, com um pai daqueles? Se sei escrever meu nome, é porque o Tom aqui me ensinou.

— Ele não vai... — diz o rapaz — gostar disso.

Ele só consegue articular frases curtas, simples e declarativas.

— Gostar? Ele deveria se envergonhar — declara Morgan.

Kat comenta:

— Quando Deus fez meu pai, deixou a vergonha de fora.

O garoto diz:

— Porque... pouco mais de um quilômetro. Ele pode, fácil...

— Vir atrás de você? Ele que experimente!

Morgan exhibe o punho novamente: seu nervoso soquinho galês.

Após Kat terminar de limpá-lo e Morgan Williams deixar de se gabar e de tentar reconstituir o ataque, o garoto dormiu por uma ou duas horas para se recuperar. Durante esse tempo, Walter chegou à casa com algum conhecido e houve certa gritaria e chutes nas

portas, mas o barulho chegou ao garoto de modo abafado e ele pensou que talvez fosse um sonho. Agora, a questão em sua mente é o que vou fazer?, não posso ficar em Putney. Em parte porque as lembranças de anteontem e da primeira briga estão retornando, e ele acha que talvez uma faca tenha aparecido em algum momento, que fora enterrada em alguém, e que esse alguém não era ele; resta saber se teria sido por ele. Nada disso está claro em sua mente. Apenas sua decisão sobre Walter: Para mim, chega. Se ele vier atrás de mim novamente, eu vou matá-lo, e se eu o matar, vão me enforcar, e se vão me enforcar, quero que seja por um motivo melhor.

No andar de baixo, o subir e descer das vozes. Ele não compreende todas as palavras. Morgan diz que Walter queimou seus barcos. Kat se arrepende da primeira oferta ao irmão, um posto como ajudante de taberna, faz-tudo e leão de chácara, pois Morgan acaba de dizer: “Walter vai sempre ficar vindo aqui, não é?” E “Onde está Tom? Mandem o fedelho para casa, quem pagou ao maldito padre para ensiná-lo a ler e escrever fui eu, e vocês agora querem ficar com os malditos benefícios, seus putos, mortos de fome.”

Thomas desce as escadas. Morgan diz alegremente:

— Você parece bem, considerando o acontecido.

A verdade sobre Morgan Williams — e o garoto não deixa de gostar dele por isso — é que o plano de espancar o sogro só existe em sua mente. Na verdade, Morgan teme Walter, assim como muita gente em Putney — e, por sinal, em Mortlake e Wimbledon também.

Ele diz:

— Pois bem, vou embora.

Kat responde:

— Tem de ficar esta noite. Você sabe que o segundo dia é o pior.

— Em quem ele vai bater quando eu estiver fora?

— Não é problema nosso — responde Kat. — Bet está casada, e se livrou, graças a Deus.

Morgan Williams comenta:

— Só digo uma coisa: se Walter fosse meu pai, eu colocaria o pé na estrada. — Ele faz uma pausa. — Aliás, nós juntamos algum dinheiro vivo.

Outra pausa.

— Um dia pago a vocês.

Morgan responde rindo, aliviado:

— E como pretende fazer isso, Tom?

Ele não sabe. A respiração é difícil, o que não quer dizer grande coisa, é apenas o efeito dos coágulos dentro do nariz, que não parece estar quebrado; ele o toca, especulativamente, e Kat alerta, cuidadosa, este avental está limpo. Ela sorri um sorriso dolorido, não quer que o irmão vá, mas mesmo assim não pretende contradizer Morgan Williams, claro. Os Williams são gente importante em Putney, em Wimbledon. Morgan vive mimando Kat; ele lembra à esposa que ela tem criados para cuidar dos assados e fazer a cerveja, então por que ela não fica sentada no andar de cima como uma dama, costurando e orando pelo sucesso do marido quando ele vai a Londres fazer negócios metido em seu casaco de cidade grande? Vez ou outra, Kat poderia dar uma volta pelo Pegasus usando um bom vestido e ajeitando alguma coisa que encontrasse fora do lugar: esta é a fantasia dele. Na opinião de Thomas, Kat ainda trabalha tão duro como trabalhava quando era criança, mas ele compreende que sua irmã gosta de ter Morgan insistindo para que ela se aquiete e viva como uma dama.

— Eu vou pagar — repete ele. — Posso me tornar um soldado. Posso mandar para vocês uma fração do meu pagamento e posso saquear também.

Morgan responde:

— Mas não estamos em guerra.

— Deve haver alguma guerra em algum lugar — comenta Kat.

— Ou eu poderia ser ajudante de navio. Mas, vocês sabem, a Bella... Vocês acham que eu deveria voltar para buscá-la? Ela estava ganindo, Walter a prendeu.

— Para que ela não ficasse mordiscando os dedinhos do pé dele? — diz Morgan. Quando o assunto é Bella, ele é sarcástico.

— Eu queria que ela viesse embora comigo.

— Já ouvi falar de gato de navio. Nunca de cachorro de navio.

— Ela é bem pequena.

— Mas não vai passar por gato — diz Morgan, rindo. — De qualquer maneira, você é grande demais para ser ajudante de

navio. Os meninos têm que se pendurar pelos cabos como macacos; você já viu um macaco, Tom? Ser soldado tem mais a ver com você. Sinceramente, tal pai, tal filho: quando Deus distribuiu força, você não ficou no fim da fila.

— Muito bem — interrompe Kat. — Vamos ver se compreendemos direito? Um dia, meu irmão Tom sai para brigar. Como punição, o pai chega por trás e o acerta com alguma coisa, mas uma coisa pesada e provavelmente cortante, e depois, quando ele cai, o velho quase arranca seu olho fora, faz questão de chutar suas costelas, espanca-o com uma tábua de madeira que tem à mão, arrebeta sua cara de um modo que, se eu não fosse sua irmã, mal o reconheceria; e meu marido diz que a solução para isso, Thomas, é virar soldado, sair e encontrar um homem que você não conhece, arrancar o olho *desse* homem e chutar suas costelas, na verdade *matá-lo*, imagino, e receber um salário por isso!

— Melhor que brigar às margens do rio, sem lucro para ninguém — argumenta Morgan. — Olhe para ele! Se dependesse de mim, eu inventaria uma guerra só para contratá-lo.

Morgan pega sua bolsa. Ele despeja moedas: ding, ding, ding, com sedutora lentidão.

Thomas toca o osso do rosto. Está intacto: mas dolorido e muito frio.

— Ouça — diz Kat —, nós crescemos aqui, provavelmente há pessoas que ajudariam Tom... — Morgan lhe dirige um certo olhar: que significa, eloquentemente, você acha que há um monte de gente que gostaria de comprar briga com Walter Cromwell? De tê-lo derrubando suas portas? Como se ouvisse os pensamentos do marido, Kat acrescenta: — Não. Talvez... Talvez, Tom, seja a melhor solução, não acha?

Ele se levanta.

Kat continua:

— Morgan, olhe para ele; Tom não pode viajar esta noite.

— Mas é preciso. Daqui a uma hora, ele vai ter entornado todas e voltará. Já teria ateado fogo a este lugar se tivesse desconfiado de que estou aqui.

Morgan pergunta:

— Você tem o que precisa para a viagem?

O garoto faz menção de se voltar para Kat e dizer: não.

Mas ela virou o rosto e está chorando. Não está chorando pelo irmão; Thomas acha que ninguém jamais choraria por ele, pois Deus não o fez dessa forma. Ela está chorando por seus sonhos do que a vida deveria ser: domingo após a igreja, todas as irmãs, cunhadas e esposas distribuindo beijos e afagos, dando broncas nas crianças da família e ao mesmo tempo mimando e acariciando suas cabecinhas redondas, mulheres trocando entre si e comparando seus bebês, e todos os homens reunidos debatendo os negócios, lã, fios, medidas, transporte, os malditos flamengos, os direitos de pesca, as cervejarias, as vendas anuais, as informações privilegiadas, uma mão lavando a outra, pequenos subornos, certas taxas de corretagem, meu advogado diz... Assim deveria ser, casada com Morgan Williams, já que os Williams são uma família importante de Putney... Mas, de algum modo, não é assim. Walter estragou tudo.

Cuidadosamente, rigidamente, Thomas se apruma. Agora, cada parte de seu corpo dói. Mas não tanto quanto doerá no dia seguinte; no terceiro dia os hematomas aparecem, e começa-se a responder às perguntas sobre como surgiram. A essa altura ele estará longe dali, e, imagina, ninguém pedirá explicações, porque ninguém o conhecerá ou se importará com ele. Os desconhecidos pensarão que ter o rosto destruído é seu estado normal.

Ele pega o dinheiro e diz:

— *Hwyl, Morgan Williams. Diolch am yr arian.* — Obrigado pelo dinheiro. — *Gofalwch am Katheryn. Gofalwch am eich busness. Wela I chi eto rhywbryd. Pobl lwc.* — Cuide de minha irmã. Cuide de seu negócio. Até mais ver.

Morgan Williams apenas o fita.

O garoto quase sorri; ele sorria, se isso não fosse arregaçar seu rosto. Todos aqueles dias que ele passou, em visita, nas casas da família Williams: será que pensaram que ele só aparecia para jantar?

— *Pobl lwc* — diz Morgan lentamente. Boa sorte.

Ele pergunta:

— É uma boa ideia seguir o rio?

— Aonde quer chegar?

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Wolf Hall"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).